

# Anarquistas

## A vida por uma CAUSA

**A história e o ativismo dos imigrantes italianos que vieram ao Brasil no começo do século XX para lutar e divulgar sua ideologia**

Por Laura Folgueira

**N**os primeiros anos do século XX, a vida em São Paulo era, na maior parte, tranqüila. Não havia os milhares de carros que hoje circulam pelas ruas, nem televisão, muito menos arranha-céus. Boa parcela da população desfrutava de calma, sem outras preocupações que não as cotidianas. Era a época da chegada maciça de imigrantes europeus que vinham, em sua maioria, trabalhar nas fazendas de café do interior paulista, substituindo o trabalho escravo. As fábricas começavam a deslanchar, contratando também muitos operários - imigrantes ou brasileiros.

Oreste Ristori, italiano nascido em um vilarejo na região da Toscana em 1874, chegou ao Brasil em fevereiro de 1904, procedente do Uruguai. Veio com sua esposa, Mercedes, uma uruguaia descendente de índios que conheceu em Montevideu durante um baile do Centro Internacional - um centro de cultura gerido por anarquistas onde eram realizadas atividades pedagógicas e culturais.

Aparentemente, Oreste Ristori era mais um italiano que emigrava para o Brasil em busca de trabalho. Na realidade, ele tinha intenções um pouco diferentes. Ristori cresceu em uma família de trabalhadores agrícolas - seus pais não possuíam residência ou emprego fixo, o que ocasionava dificuldades financeiras. Sem nenhuma educação formal, a realidade levou o jovem a questionar suas limitações materiais. Assim, meio sem querer, começava a tender para o pensamento anarquista. "Ele se torna um ativista pela contradição existente entre sua condição social de extrema miséria e sua personalidade curiosa, inteligente e rebelde",

explica o professor Carlo Romani, autor do livro *Oreste Ristori: uma aventura anarquista*. Jovem, Ristori começou a freqüentar, em Empoli, cidade onde morava, as sociedades formadas por adolescentes toscanos, que se reuniam secretamente para blasfemar contra a igreja e a autoridade exercida pelos padres católicos nos pequenos vilarejos italianos. Nas reuniões, em praças e bares da cidade, começou a desenvolver seu lado ativista.

Entre 1897 e 1898, já participando de diversas manifestações no país, Ristori encontrou-se com Luigi Fabri e Luigi Galleani, que estavam presos na ilha de Ponza, em regime de *domicilio coatto*: os prisioneiros podiam circular apenas na ilha, e tinham horários para comer, dormir e trabalhar. Lá, organizavam uma série de palestras e atividades, junto a outros militantes da causa anarquista, como Pasquale Binazzi (que fez parte de um importante jornal anarquista, o *Umanità Nova*) e Giovanni Gavilli. "Os anarquistas viviam em assembléias permanentes em todas as prisões onde ficavam confinados", diz Romani.

"As questões da educação e da cultura e suas atividades são inseparáveis do ativismo anarquista".

Mais tarde, ao emigrar para os Estados Unidos, Galleani foi editor do periódico anarquista *Cronaca Sovversiva*, para o qual escreveram os ilustres Sacco e Vanzetti, italianos radicados nos Estados Unidos e executados em 1927 pelo governo estadunidense depois de condenados pelo homicídio de dois homens em Braintree, Massachusetts. Galleani foi expulso do país em 1919.



# Oreste Ristori

### Anarquistas no Brasil

Quando chegou a São Paulo, Oreste Ristori já era um ativo militante desde 1892, época em que participou de sua primeira manifestação, organizada em San Miniato, província de Pisa, na Itália. Os anos que passou em Montevideu, onde conheceu sua mulher, não foram tranquilos: lá ele permaneceu como refugiado político, perseguido pela polícia argentina. Participou da greve geral de Buenos Aires, em 1902, deflagrada pela Federación Obrera Argentina (FOA).

A data de sua chegada ao Brasil é apenas aproximada, baseada no fato de que seus últimos registros na polícia de Montevideu datam do começo de janeiro de 1904; e em 20 de fevereiro, o periódico brasileiro *Germinal*, que circulava na capital paulista, já registrava uma conferência sua na cidade.

Além dessa revista, já havia no Brasil muitos outros periódicos publicados por anarquistas, como *O amigo do povo*, *Caradura*, *Il risveglio* e *A lanterna*, dirigidos em sua maioria por grupos de imigrantes, responsáveis por organizar ações, festas e conferências.

Hospedado na casa de Tobia Boni, anarquista radicada no Brasil desde 1898, foi lá que Ristori conheceu outros anarquistas italianos, como Angelo Bandoni, Giulio Sorelli, Pio Spadea, Pappalardo, Teiobaldo Soderi e Antonio Rova, membros ou simpatizantes do grupo batizado La Propaganda. Juntos, decidiram publicar um periódico, que se chamaria *La Battaglia*, com Ristori à frente, como fundador e principal editor. Além de dirigir o jornal, ele se dedicava também a propagar o anarquismo em viagens ao interior do estado. Por isso, em 1904, Alessandro Cerchiai passa a dirigir o *La Battaglia* durante as longas ausências de Ristori.

### O caso Idalina

A disputa entre os grupos anarquistas e a Igreja Católica - notadamente com a ordem ultramontana, um grupo de padres também denominados escalabrianos, que pretendia exercer algum tipo de controle ou influência sobre os imigrantes italianos, especialmente sobre os que trabalhavam como colonos em fazendas do interior - já era antiga. Para atingir seus objetivos, padres excursionavam fazendo batizados, casamentos e pregando a imigrantes pouco afeitos ao catolicismo.

A ordem ultramontana fundou o Orfanato Cristóvão Colombo, localizado no bairro de Vila Prudente, em São Paulo, com a intenção de abrigar crianças carentes que pudessem ser transformadas em bons trabalhadores - católicos, é claro. Mas, em 1911, quando uma das

As campanhas empreendidas pelo grupo eram muitas, e variadas. No começo, concentraram-se na defesa da melhoria das condições de trabalho dos imigrantes italianos nas fazendas do interior. Em 1906, Ristori começou o Movimento Contra a Emigração ao Brasil, muito difundido na Itália, em Portugal e na Espanha - a campanha contra a emigração, na realidade, permearia toda a história do jornal.

Além de publicar artigos defendendo suas idéias, os militantes do grupo acreditavam, principalmente, em ações. Faziam comícios em portas de fábricas, incentivando a greve dos trabalhadores e o boicote ao consumo dos produtos. Davam ajuda financeira aos trabalhadores agrícolas que pretendiam fugir das fazendas onde trabalhavam, e protegiam-nos na capital.

Não conseguiram escapar ilesos da repressão policial. Nos comícios e manifestações, colocavam-se na linha de frente. Constantemente, eram detidos e espancados. Entre 1911 e 1912, Ristori permaneceu preso em razão de sua campanha contra um orfanato ligado à Igreja Católica.

Nesse último ano Gigi Damiani substituiu Ristori na direção do jornal, de forma permanente. Com o nome modificado para *La Barricada*, a publicação durou apenas mais um ano, até 1913, após ter sido distribuída por quase dez anos, todas as semanas, ininterruptamente.

Os motivos para o fim do jornal estavam ligados à prisão de Ristori e "seu descrédito quanto à capacidade revolucionária dos trabalhadores", conforme explica Romani. "Ele teve uma crise em 1912, e sofreu acusações de que apenas escrevia, propagandeava e vivia às custas dos outros".

crianças, uma menina chamada Idalina, desapareceu da instituição, e um dos padres foi acusado de matá-la, os grupos anarquistas encontraram ainda mais motivação para criticar a Igreja.

Após longa investigação capitaneada pelo *La Battaglia*, Ristori e seus companheiros deflagraram uma forte campanha sobre o caso, publicando artigos e fazendo manifestações. "O caso acaba se tornando uma cruzada anticlerical em São Paulo, com a aderência de vários veículos e manifestações públicas", conta Romani. Por isso, a polícia decidiu acabar com a campanha e prender seus organizadores. Ristori, como líder, foi um deles, passando quase um ano, entre 1911 e 1912, no Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo (Deops).



### Além do anarquismo, a vida

Por dedicarem grande parte de seu dia aos veículos e manifestações anarquistas, esses imigrantes construíram na cidade um cotidiano típico daqueles tempos. Viviam principalmente em bairros operários, como Cambuci, Brás, Mooca, Pari, Campo Belo e Água Branca. Pertencentes à classe operária, eram funcionários de fábricas ou faziam trabalhos autônomos. Ristori e Cerchiai trabalhavam na indústria gráfica, como tipógrafos e linotipistas (mais tarde, Ristori também passou a trabalhar com revelação de fotografias), enquanto Damiani era pintor e trabalhava com construção.

O dinheiro para que o *La Battaglia* sobrevivesse vinha de doações e assinaturas. Chegando a ter uma tiragem de até 5 mil exemplares, o jornal contava com a divulgação de seus diretores, que viajavam por diversas linhas de trem fazendo campanha para que os passageiros assinassem sua publicação. Assim, chegaram a fazer com que até 30% da renda das vendas viesse de assinaturas.

Alguns foram casados e tiveram filhos, muitos dos quais estudavam em escolas anarquistas. "A vida deles era normal, como a de qualquer outro grupo familiar, mas com muito mais liberdade de discussão dos problemas internos da família", explica Romani. As casas eram sempre freqüentadas por amigos ou viajantes, e as relações eram, de certa forma, liberais. "A concepção de família era bem mais ampla e

expandida", conta Romani. "A relação homem e mulher também era mais livre, com eventual troca de casais".

Esse estilo de vida já era comum aos anarquistas desde pelo menos 1890, quando, em uma de suas primeiras experiências como comunidade no Brasil, e após terem adquirido da Companhia de Colonização (instituição responsável pela propaganda e pelos subsídios que atraíam os imigrantes europeus) algumas terras no Paraná - na região onde hoje fica a cidade de Palmeira, próxima a Ponta Grossa - serviram-se da área para o estabelecimento da colônia anarquista Santa Cecília. Miguel Sanches Neto, autor do livro *Um amor anarquista*, explica que um dos objetivos do fundador da colônia, Giovanni Rossi (figura central de seu romance), era criar uma família aberta. "A mulher deveria receber vários homens, para que os filhos não fossem de um pai, mas de toda a comunidade", explica Neto.





### O anarquismo e seus pensadores

Foi no século XIX, com a Revolução Industrial, e com a expansão e o fortalecimento do capitalismo, que o pensamento anarquista começou a ganhar força. Seus primeiros teóricos surgiram na Europa, e tinham correntes filosóficas diferentes na abordagem do sistema que propunham. O alemão Max Stirner (1806-1856), adepto do individualismo, sugeria que os desejos individuais - fossem eles emocionais ou sociais - deveriam ser a base dos julgamentos morais e das leis de uma sociedade. Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), por sua vez, propunha, na França, um programa político que já se definia como anarquista, com conceitos como federalismo e mutualismo, além de exibir grande preocupação com as condições dos trabalhadores de classes mais baixas. Michael Bakunin (1814-1876), um dos mais conhecidos pensadores e ativistas do anarquismo que surgia, orientava suas idéias para a revolta social. Em suas teorias, o sindicalismo já era personagem importante, o que viria a confirmar-

se durante o século XX, com militantes anarquistas incitando revoluções operárias em porta de fábricas - como faziam os anarquistas italianos que agiam em São Paulo, e no interior do estado.

No fim do século XIX e início do século XX, a Itália provou-se terreno fértil para o surgimento de importantes pensadores e ativistas anarquistas, como Errico Malatesta (1853-1932) e Luigi Galleani (1861-1931) - com quem Oreste Ristori teve contato na ilha de Ponza, onde este esteve exilado, junto a Luigi Fabri.

Galleani vivia nos Estados Unidos quando fundou o periódico *Cronaca Sovversiva*. Foi deportado em 1919, por causa de suas crenças no anarquismo. Já Malatesta fundou o jornal *Umanità Nova*, com o qual colaboraram os mais importantes pensadores do país. O periódico circulou na Itália entre 1920 e 1922, e chegou a ter uma tiragem de 50 mil exemplares.

### De volta à Itália

Em 1917, Ristori fugiu para Buenos Aires para escapar de um inquérito contra ele no Rio de Janeiro, acusando-o de estelionato: ele havia encomendado papel importado do Canadá para publicar uma revista colorida, e não pagou à importadora. "Ristori era um anarquista de formação individualista para quem o roubo da burguesia não era roubo, e sim expropriação para fortalecimento da causa revolucionária", explica Romani. Seu companheiro Gigi Damiani foi expulso do Brasil logo depois, em 1919, sob a acusação de "ser anarquista".

Na Argentina e no Uruguai, Ristori ainda participou de iniciativas e publicações anarquistas, fazendo passeatas, campanhas e escrevendo artigos. Na capital argentina, publicou um jornal de caricaturas com teor anticlerical.

Depois de alguns anos, porém, o fervor anarquista arrefeceu, e o ativista deixou de ser mencionado nas publicações com que colaborava. Mesmo quando voltou ao Brasil, em 1925, não retomou completamente suas atividades. Ainda assim, em 1936, foi deportado para Livorno, na Itália, após ter sido perseguido e preso pela Intentona Comunista, uma tentativa de golpe contra o governo de Getúlio Vargas, organizada pela Aliança Nacional Libertadora. Confinado pelo governo fascista de Mussolini em Empoli, Ristori morreu na Itália, em 1943, fuzilado por neo-fascistas após a queda de Mussolini. Segundo Romani descreveu, no livro *Oreste Ristori: uma aventura anarquista*, "uma morte heróica, com o cachimbo na boca e cantando a Internacional".

### Anarquistas graças a Deus

Esposa do famoso escritor baiano Jorge Amado, Zélia Gattai passou muitos anos sem ser conhecida. Menos conhecida, ainda, era sua história pessoal, pelo menos até 1979, quando lançou seu primeiro livro, *Anarquistas graças a Deus*, com suas memórias de infância.

Nascida em São Paulo em 1916, em uma casa alugada na Alameda Santos, Zélia viveu a época em que a Avenida Paulista ainda não era tomada por prédios, as pessoas andavam de bonde e os carros não enchiam as ruas. Muitos dos atuais bairros mais movimentados da cidade, como o Pacaembu, eram ainda campo baldio, onde moleques iam brincar, escondidos de seus pais. É nessa reconstrução de momentos já perdidos da vida na cidade, mais do que na narrativa, que o livro ganha força. A autora perde-se em memórias e histórias de infância que, apesar de divertidas, têm sempre certo tom ingênuo, e podem ser repletas de clichês, por outro lado, é das memórias que vem - quando o leitor já se acostumou com a vida em família e os contos da menina - a menção, a início quase sem importância, de que seu pai, Ernesto Gattai, fazia parte de um grupo de anarquistas italianos em São Paulo.

Ainda que não fosse dos mais ativos, já que se dedicava a seus próprios negócios no ramo dos automóveis, Gattai era amigo bastante íntimo de Oreste Ristori, Angelo Bandoni e de outros. Levava a família a reuniões e bailes em que se discutiam assuntos relacionados ao anarquismo, como a execução de Sacco e Vanzetti, em 1927. Seus filhos sabiam cantar o hino da Internacional. Apesar disso tudo, preserva-se no livro de Zélia uma vida em família absolutamente normal, quase



sem sobressaltos. A presença do anarquismo na casa vem principalmente de um imenso quadro que ocupa a parede principal da sala, dos livros que a mãe guarda no armário e de um bonito relato feito pelo pai sobre a experiência idéia do avô de Zélia - de imigrar ao Brasil para fazer parte da Colônia Cecília.